



AS MULHERES DAS EXTERIORIDADES: O FEMINISMO EM HELOÍSA BUARQUE DE HOLLANDA

Nathalia Flores Soares¹
Edgar César Nolasco²

Resumo: Este trabalho vai em busca de um diálogo crítico entre a escrita autobiográfica da professora, intelectual e escritora Heloísa Buarque de Hollanda e as relações imbricadas nos contextos culturais, sociais e marginais presentes nas regiões (ex)cêntricas do país. Buscando uma maneira de reatualizar problemáticas já delineadas no passado, o enfoque se voltará para as teorizações feministas delineadas pela professora ao decorrer de seu projeto intelectual. Pretende-se aqui mostrar como a escrita do eu revela tensões ideológicas, epistêmicas e críticas na vida de quem se propõe a escrever autobiografias, sendo assim, o objeto norteador será a obra *Escolhas* (2009). Em síntese, a análise se voltará para a condição das mulheres latinas americanas, precisamente no cenário brasileiro contemporâneo, com enfoque na crescente onda de manifestações feministas, na rua e na academia. Os conceitos serão delineados à luz da crítica biográfica fronteiriça com o intuito de aproximar o sujeito crítico no objeto de análise, visto que a escrita e as leituras sempre se constituem no campo do outro. O recorte desta teorização e o processo de construção do pensamento contarão com as seguintes obras: *Tempo de pós-crítica* (2012) de Eneida Maria de Souza, *Planetas sem Boca* (2015) de Hugo Achugar, *Tendências e Impasses* (1995) Heloísa Buarque de Hollanda, *Caderno de Estudos Culturais* (2010). *Explosão Feminista* (2018) Heloísa Buarque de Hollanda.

Palavras-chave: Feminismo. Heloísa Buarque de Hollanda. Crítica Biográfica Fronteiriça.

EXTERIORITY WOMEN: THE FEMINISM IN HELOÍSA BUARQUE DE HOLLANDA

Abstract: *This work seeks a critical dialogue between the autobiographical writing of the teacher, intellectual and writer Heloísa Buarque de Hollanda and the intertwined relationships in the cultural, social and marginal contexts present in the (ex) centric regions of the country, in an attempt to update problems already outlined in the past, the focus had turned to the feminist theorizations outlined by the teacher during her intellectual project. It is intended here to show how the writing of the self reveals ideological, epistemic and critical tensions in the life of those who propose to write autobiographies, therefore, the guiding object will be the work *Escolhas* (2009). In summary, the analysis will focus on the condition of Latin American women, precisely in the contemporary Brazilian scenario, with a focus on the growing wave of feminist manifestations, in the street and in the academy. The concepts will be outlined in the light of the biographical criticism of the border in order to approximate the critical subject in the object of analysis, since writing and*

1 Mestranda em Estudos de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. ORCID: 0000-0002-6197-3901. Nathalia.f.soares@hotmail.com.

2 Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) da UFMS. ORCID: 0000-0002-8180-585X. ecnolasco@uol.com.br

reading always constitute the field of the other. The outline of this theorization and the process of construction of thought will include the following works: Tempo de pós-crítica (2012) de Eneida Maria de Souza, Planetas sem Boca (2015) de Hugo Achugar, Tendências e Impasses (1995) Heloísa Buarque de Hollanda. Caderno de Estudos Culturais (2010). Explosão Feminista (2018) Heloísa Buarque de Hollanda.

Key words: *Feminism; Heloísa Buarque de Hollanda; Frontier Biographical Criticism.*

estou atrás
do despojamento mais inteiro
da simplicidade mais erma
da palavra mais recém-nascida
do inteiro mais despojado
do ermo mais simples
do nascimento a mais da palavra
(CESAR. *Estou atrás*, p. 69)

Este trabalho, assim como o eu-lírico do poema da tradutora e poeta marginal, Ana Cristina Cesar, está à procura. É como uma viagem, que vai desvendando percursos, encontrando marcas e adentrando espaços, até onde a palavra, em suas múltiplas possibilidades, nos permite. Em movimento constante vai pedindo passagem, deslocando referências e trazendo-as para o diálogo mais próximo com outros textos. Abre novas frentes e focaliza cada vez mais seu objeto.

Ana Cristina dá o impulso desta procura, pois nos aproxima do fio biográfico de uma das mais importantes intelectuais brasileiras e permite chegar às dobras e desdobras dos seus caminhos e referências, compreender seus interesses, suas escolhas, tramar uma identidade, mesmo que ela se desvencilhe e fuja em seguida. No interior desse panorama, relacionam os vários lugares pelos quais essa viajante passou e vem passando até hoje, as paixões, as amizades, o posicionamento ideológico, que a fazem mulher, mãe, professora, intelectual e muito mais.

Heloisa Buarque de Hollanda, sempre de olhos abertos e caminhos por traçar vai em busca dos sinais que possam levá-la a novos lugares de reflexão, de engajamento político e de agitação cultural. Nos ajuda a compreender melhor o Brasil, a repensar nossa cultura, a demarcar o papel do intelectual e dialogar com corpos que emergem da exterioridade.

A trilha deixada por Heloisa se bifurca em contextos e situações distintas. Como ela mesma diz, são ensaios de movimento que produzem sentido (HOLLANDA, 2003), uma carreira accidental, inteira construída passo a passo, na iminência constante da seleção, de olho aberto no presente, projetando no futuro imagens possíveis de si e do outro.

Seus relatos autobiográficos tratam de ficcionalizar a vida para atingir uma compreensão mais clara da realidade vivida. Desde a tese de doutorado intitulada *Impressões de viagem* (1970), até a autobiografia *Escolhas* (2003), Heloisa imprime a marca das próprias experiências. Das experiências vividas em meio à efervescência da cultura e da política nos anos 60 e 70, passando pelos anos 80 e 90 com suas viagens ao exterior, as novas escolhas ideológicas, a descoberta da periferia brasileira, até os dias atuais, nos quais se debruça sobre as novas tecnologias da informação e comunicação.

A intelectual se inscreve, assumindo um lugar sempre em construção que estabelece confrontações e se desafia ao novo. Joga discursivamente, demarcando a polifonia e a pluralidade do *locus* enunciativo do qual faz parte e perceber certa coerência em algumas de suas eleições, indaga seu leitor questionando a veracidade desse percurso. Assim, a autora afirma definitivamente a característica ficcional da escrita autobiográfica.

Nesse momento cabe capturar, também, as reflexões de um dos seus mais importantes interlocutores e que teve fundamental importância no início das suas perquirições como intelectual. O ensaísta alemão Walter Benjamin é lembrado como um grande observador de sua época e exerce influência direta nos primeiros anos de produção acadêmica de Heloisa. A ligação demonstra a predileção da ensaísta pela liberdade e autonomia do pensar, marcas fortes da arquitetura intelectual de Benjamin.

O ensaísta tinha como ambição elaborar uma escrita puramente citacional. Uma obra feita de citações, que circulasse entre as várias esferas do saber e revelasse poeticamente seus pensamentos, como quem captura no cotidiano a chave mestra de todos os fenômenos que se apresentam a observação.

Assim como Benjamin, Heloisa reage aos ditames sociais, universitários, ideológicos demarca a cada movimento suas escolhas, sua liberdade. Além do pensador alemão, outros interlocutores somam a essa jornada e ajudam a tecer a trama de uma vida dedicada a percepção, a observação e a atuação nos vários lugares sociais.

Em sua autobiografia, Heloisa sublinha definitivamente essas escolhas. chega à conclusão arbitrária, de que, mesmo sendo a autobiografia um processo de diferenciação entre o eu e o outro, as autobiografias femininas trazem um vínculo, “uma identidade compartilhada com outras mulheres” (HOLLANDA, 2009, p.19) Heloisa assume novamente a alteridade como parte integrante da sua identidade feminina.

Desse modo, esta pesquisa propõe o estudo da autobiografia **Escolhas** (2009) da escritora, pesquisadora, professora e intelectual Heloisa Buarque de Hollanda à luz das reflexões, conceitos e teorizações engendradas pela Crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015). Dentre esses conceitos, podemos citar: exterioridade, desobediência epistêmica, pensamento descolonial, arquivo, memória, amizade e intelectual das margens. Ademais, buscaremos, a partir da nossa visada fronteira e (bio)local, teorizar sobre o texto feminino autobiográfico e como esse contribui para o projeto feminista da autora.

Falar em Heloísa Buarque de Hollanda é falar em cultura, em literatura marginal, essa pesquisa trata de reiterar a intelectual nas várias esferas da sociedade, bem como, na academia, lugar onde é pouco falada e estudada. Propõe-se aqui uma teorização de seu projeto enquanto intelectual desobediente articulada pelo biótopo de onde pensamos e alicerçado pela epistemologia Crítica biográfica fronteira que nos atravessa enquanto pesquisadores sul-fronteiriços.

Na esteira destas preposições, no que convém à escolha da autobiografia como norteadora de nossa teorização, por meio do nosso olhar atravessado pela posição de crítico biográfico fronteira e pesquisador do projeto intelectual de Heloisa Buarque de Hollanda, entendemos que a autobiografia representa justamente a condição da intelectual, escritora e professora enquanto desobediente.

Escolhas, teorizações, são processos imbricados na escrita do eu, do memorial e do sujeito que se propõe a delinear uma definição ou uma justificativa acerca dos estudos feministas, requerindo uma análise minuciosa de todas as tensões que perpassam o processo de construção do conhecimento. Nesse sentido, utilizaremos como aporte teórico a obra *Escolhas* da intelectual e professora Heloísa Buarque de Hollanda, inicialmente escrito em forma de memorial para um concurso público na Universidade Federal do Rio de Janeiro e torna-se uma obra autobiográfica.

O interessante ao decorrer da leitura da obra é perceber e analisar o processo de escrita autobiográfica e como essa contribui ativamente na possibilidade de proximidade entre sujeito e objeto de análise desse modo, o relato se tensiona, pretende-

se focar na construção do pensamento da autora enquanto feminista e como a escrita autobiográfica contribui como uma forma de testemunho acerca dos abusos e lutas que envolvem as mulheres do dito terceiro mundo.

Em síntese, o que é interessante para nossa teorização a ser delineada aqui é voltar o olhar para a condição das mulheres latino americanas, precisamente no cenário brasileiro contemporâneo, com enfoque na crescente onda de manifestações feministas, na rua e na academia. A premissa cerne deste estudo está voltada para o projeto intelectual da professora Heloísa Buarque de Hollanda, contudo, é necessário definir nosso lugar de enunciação para que esse dialogue de forma ávida com o que será teorizado, pensado isso, falamos de um lugar dito marginal, subalterno, sendo assim, equiparamos nosso local de fala com a condição a qual as mulheres se encontram e sempre se encontraram ao longo da história.

Encontramo-nos em um *lócus fraturado* (LUGONES,2019,p.371) o qual se constrói fora dos grandes centros, fazendo com que o olhar destinado a nós é sempre em segunda instância, a necessidade de mostrar as contribuições epistemológicas produzidas por sujeitos que habitam o fora do pensamento patriarcal colonial moderno, aqui incluímos o feminismo e as teorizações fronteiriças pensadas na diferença. Em seu recente livro *Explosão Feminista* lançado em 2018, Heloísa pondera:

Diferenças entre as mulheres, a interseccionalidade, a multiplicidade de sua opressão, de suas demandas, agora os feminismos da diferença assumiram, vitoriosos, seus lugares de fala, como uma das mais legítimas disputas que têm pela frente. Por outro lado, vejo claramente a existência de uma nova geração política, na qual se incluem as feministas, com estratégias próprias, criando formas de organização desconhecidas para mim, autônomas, desprezando a mediação representativa, horizontal, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução. (HOLLANDA, 2018, p.12).

Na conjectura atual vê-se uma crescente onda legitimadora dos discursos feministas, acertados na diferença na busca de validar o lugar das mulheres, fazendo com que seus discursos e espaços na sociedade passem a ser reconhecidos, desse modo, aproximamos a escrita autobiográfica com as novas narrativas produzidas pelo movimento e alocadas em espaços ditos fronteiriços/marginais. As trocas entre experiências pessoais de mulheres constroem o imaginário coletivo que irá corroborar para a efetivação dos ideais de movimentos como o feminismo.

Visto que nos construímos sempre no campo do outro, a escrita de si, do autobiográfico é uma das formas de narrativas eficazes para o pensamento coletivo entre mulheres, a autobiografia como forma de relatar, denunciar os acontecimentos que perpassam a vida de quem se dispõem a escrever sobre as próprias vivências, revela intervalos de tempo, distinções entre o privado e o social, desse modo, serve como inspiração para outras mulheres. Acerca disso, Heloísa Buarque afirma em sua autobiografia *Escolhas*:

Sinto dificuldade em apresentar meu “eu” de forma impessoal ou, mesmo, enquanto expressão de uma unidade peculiar, como nas grandes obras autobiográficas [...] Por algum motivo, não me sinto autorizada a tomar esse partido. Por outro lado, observo que as autobiografias femininas raramente expressam o sentimento de uma singularidade contundente mas que, com frequência, exploram a experiência de uma identidade compartilhada com outras mulheres, demonstrando uma certa tensão entre esta inflexão específica e sua própria singularidade. Não excluo meu texto dessa regra. (HOLLANDA, 2009, p. 31.).

Mesmo que de forma inconsciente, as mulheres partilham uma identidade coletiva, o que faz com que surjam movimentos como o feminismo, uma maneira de reivindicar direitos comuns a todas as mulheres, por meio das semelhanças ressaltar as diferenças que ainda existem entre a classe feminina e lutar por um espaço coletivo onde possam expressar livremente suas singularidades.

O fato é que a autobiografia, enquanto gênero literário, coloca sérias questões do ponto de vista das relações entre os gêneros masculino e feminino. Ou mesmo que, certamente, qualquer texto sobre o “eu” levanta diferentes questões para homens e mulheres. (HOLLANDA, 2009, p. 30).

Na construção de sua autobiografia, a professora demonstra todo o percurso intelectual que percorreu para chegar a de fato escrever sobre feminismo e se tornar pesquisadora na área, ao lermos essa narrativa somos capazes de perceber a capacidade da escrita de validar espaços e transmitir conhecimentos através de experiências pessoais.

O projeto intelectual de Heloísa Buarque de Hollanda não é apenas relevante por sua teorização feminista, mas pela valorização sobretudo do marginal alocado nos grandes centros em situações de periferia. Compreender que as periferias se dão de diversas maneiras é um passo para lermos nosso lócus fraturado, as periferias do Rio de Janeiro são distintas das nossas, escrevemos das margens, de fora dos grandes eixos, como somos sujeitos da exterioridade se faz necessária uma nova teorização,

uma epistemologia que contemple nossas sensibilidades locais, acerca disso Edgar Nolasco disserta:

No Brasil, tudo o que acontece fora dos grandes centros, como Rio – São Paulo e outros poucos centros, está fora do eixo, ou seja, fora de onde os acontecimentos naturalmente deveriam acontecer. Da moda à dança, passando pela música, literatura, artes plásticas e a política, tudo acontece no centro das grandes cidades do país. O poder da imprensa brasileira, da mídia de um modo geral, e o valor da crítica intelectual, que não por acaso está presa ou ao mundo massmediático ou às grandes universidades públicas, estão vinculados aos centros hegemônicos produtores e detentores do saber que, a princípio, deve se espalhar-se por todas as regiões *ex-cêntricas* do país colossal. (NOLASCO, 2009, p.27).

Pautados nessa noção de exterioridade, vemos que as mulheres vivem em vigilância constante, defendemos que é só por meio de uma epistemologia outra que verse sobre o fora da exterioridade moderna, que os projetos intelectuais das mulheres do dito terceiro mundo podem ser teorizados, por meio da escrita do eu constroem uma obra potente e reveladora, que suscita a reflexão sobre as bases racistas e sexistas da nossa cultura e sobre as estruturas excludentes que se desdobram há séculos na nossa história.

Como indagado por Buarque de Hollanda “O que haveria na cultura das diferenças no Brasil que não se mostrava solo firme para as ideias feministas ou raciais?” (HOLLANDA,2018, p.14) a pergunta de Heloisa ao seu modo ilustra uma das grandes indagações ainda presentes no âmbito das teorizações feministas no Brasil. É fato que na atualidade vemos uma onda crescente de manifestações das mulheres em busca de seus espaços na sociedade, esbarrando em um preconceito não só da ordem de gênero, mas também racial, desse modo pretendemos ressaltar a identidade das mulheres e a potência de suas obras e projetos intelectuais, mais especificadamente das mulheres latino-americanas. Conforme exposto por Nolasco:

compromisso com uma forma de pensar outra, ancorada em uma perspectiva outra de base subalterna ou fronteira, cujo olhar lançado emerge, sempre, da exterioridade e, nunca, da interioridade, isto é, de dentro do modo, ou sistema de pensar moderno que ainda impera dentro das academias e das disciplinas (NOLASCO,2009, p.13).

Na esteira desses pensamentos, o intuito desta teorização volta-se para o fora da interioridade moderna, interioridade essa responsável por limitar todo o pensamento feminino, marginal e fronteira, alocando pensamentos e corpos em condição de

exterioridade. Na esteira das proposições de Nolasco, nossas sensibilidades locais e epistêmicas estão crivadas nesse lugar outro que emerge da exterioridade, nosso compromisso enquanto críticos biográficos fronteiriços é olhar para o projeto intelectual de mulheres latino-americanas pelo prisma de uma epistemologia fronteiriça, que não reinscreve e repete a *velha doxa triunfante da sapiência moderna* (NOLASCO, 2018, p.13), mas, que pelo contrário, busca subvertê-las, desobedecê-las e descolonizá-las.

O fato é que o feminismo pode ser entendido como uma primeira mudança perante o mundo patriarcal, em livro recente lançado, Heloisa disserta sobre a situação do feminismo dito descolonial, bem como a importância de sua urgência:

como construir um feminismo sem levar em conta as epistemologias originárias? Sem absorver as gramáticas das lutas e dos levantes emancipatórios que acompanham nossas histórias? Como podemos reconsiderar as fontes e conceitos do feminismo Ocidental? Uma nova história, novas solidariedades, novos territórios epistêmicos impõem urgência em ser sonhados (HOLLANDA, 2020, s/p).

Entendemos as palavras de Hollanda como uma perspectiva epistêmica que está alocada nas sensibilidades locais e nas histórias originárias das mulheres latino-americanas, para tanto, somente um pensamento de fronteira que se paute em um campo epistêmico mais abrangente dará conta de sublinhar as distintas subjetividades dos corpos femininos. Nas palavras do autor Ramon Grosfoguel: “uma perspectiva epistêmica descolonial exige um cânone de pensamento mais amplo do que o cânone ocidental” (GROSFOGUEL, 2009, p.385).

A autora busca ampliar o cânone feminista ocidental por compreender que as subjetividades suscitadas pelo feminismo clássico foram responsáveis por excluir as histórias originárias dos corpos femininos alocados na exterioridade do pensamento moderno. De fato existe uma matriz de poder colonial que comanda e hierarquiza as histórias locais e os saberes, desse modo, as sensibilidades das mulheres latino americanas são sempre da ordem do fora.

Elegemos a opção descolonial e o pensamento de fronteira como forma de compreender as subjetividades femininas compartilhadas por intelectuais mulheres do dito terceiro mundo, nossa condição fronteiriça nos conecta com os autores complementadores de forma simbiótica, para Grosfoguel: “Esta questão não tem a ver apenas com valores sociais na produção de conhecimento nem com o facto de o nosso

conhecimento ser sempre parcial. O essencial aqui é o *locus* da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpo-político do sujeito que fala” (GROSFOGUEL, 2009, p.386).

Amparamos-nos nas preposições de Grosfoguel como forma de contribuir para nossa argumentação, haja vista que um dos mecanismos da matriz de poder colonial é a exclusão do lócus de enunciação, do corpo e da geopolítica do sujeito que fala, o que estamos aqui defendendo é o direito de se pensar corpo-politicamente e geopoliticamente na condição de mulheres que sofrem e habitam a fronteira em que sobrevivem, a mesma que nós pesquisadores habitamos.

Referências

GROSFOGUEL, Ramon. In: BOAVENTURA, S. S Meneses, M.P **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Escolhas**: uma autobiografia intelectual. Rio de Janeiro: Editora Língua Geral, 2009.

_____. (Org.) **Explosão feminista**: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

_____. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2020.

LUGONES, María. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2020.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: **Cadernos de Estudos Culturais**: crítica biográfica. v. 2, n. 4 Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 35-50.

_____. A razão pós-subalterna da crítica latina. In: **Cadernos de Estudos Culturais**: pós-colonialidade. v. 5, n. 9 Campo Grande: Editora UFMS, 2013, p. 09-22.

_____. Descolonizando a pesquisa acadêmica. In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Tendências Artísticas do Século XXI: v. 1 n. 19 (2018)

_____. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: **Cadernos de Estudos Culturais**: Brasil/Paraguai/Bolívia. v. 7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63.